



Índios Kalowá, Kaxinawá e Xavante assistem a missa ao lado dos bispos.

Andreazza chega de surpresa e assiste missa pelos índios

RICARDO CARVALHO

Com a presença do ministro do Interior, Mário Andreazza, de índios Kalowá, Kaxinawá e Xavante, de 33 bispos e de cinco mil pessoas que lotaram a catedral da Sé, dom Paulo Evaristo Arns, cardeal arcebispo de São Paulo, celebrou ontem a "Missa da Terra sem Males", em comemoração à Semana e dia do Índio, transcorrido há quatro dias.

Logo depois da cerimônia o ministro do Interior afirmou que sua presença se dava "a uma mensagem de solidariedade, homenagem de um irmão em torno da grande causa, que é o Índio". Respondendo a perguntas dos jornalistas, Andreazza afirmou que não sabe se "houve mudança de relacionamento entre a Funai e a Igreja, porque assumi há pouco tempo, mas tenho pedido ao presidente do órgão as melhores condições de trabalhos, inclusive relacionado com a questão dos missionários" (recentemente, a Funai suspendeu a proibição de que missionários do CIMI — Conselho Indigenista Missionário — pudessem entrar nas reservas indígenas).

Utilizando-se de uma frase de efeito, "a Funai deve ir ao índio e não o índio à Funai", Andreazza disse que já pediu ao órgão estudos e levantamentos econômicos para que se efetue a demarcação das terras indígenas em todo o País" (de acordo com a Funai as terras deveriam ter sido demarcadas até o ano passado, o que não foi cumprido).

O presidente da Funai, Ademar Ribeiro da Silva, que também esteve na Missa, informou, por sua vez, que já iniciou os estudos para a demarcação das terras, "que é complexo e esperamos que completemos tudo até o final do mandato Figueiredo; pelo menos, esta é a vontade do ministro que não quer deixar nada em suspenso".

O PEDIDO DE DOM PAULO

Durante a missa, que durou uma hora e meia e contou com a participação de um coral e que

foi concelebrada por dom Helder Câmara, arcebispo de Olinda e Recife e por dom Tomás Balduino, presidente do CIMI, dom Paulo pediu ao ministro do Interior para que cuidasse dos índios que estão na fronteira com a Venezuela, "são cerca de 8.400 que estão em Roraima e querem uma área comum para viver."

Dom Paulo referia-se aos índios Yanomani, que vivem em Roraima e Amazonas. Cerca de 3.400 deles, que não foram ainda contatados, perambulam por uma área rica em cassiterita que, segundo membros da Comissão Pró-Índio, "está sendo invadida por uma mineradora, que simplesmente desceu de avião no meio deles."

Andreazza admitiu que irá a Roraima, provavelmente nessa semana. Fala-se que ele iria assinar um contrato para resolver a questão dos Yanomani. Ontem, o ministro afirmou que não irá ao território "por nenhum motivo específico", podendo, inclusive, tratar da questão dos índios. Sobre a visita a Roraima, o presidente da Funai disse que "temos muitos problemas e queremos consolidar as reservas já existentes e os problemas que ocorrem".

O bispo de São Feliz do Araguaia, dom Pedro Casaldáglia, que se destacou em sua prelaia pela defesa das terras de posseiros e índios, comentando a presença de Andreazza na missa, fez um apelo "para que ele recolha nossas palavras de memória, remorso e compromisso; se ele é do governo, que pague a promessa da demarcação de terras; se ele é do governo que seputle de vez a minuta de emancipação; se ele é do governo que não escute apenas os apelos da missa, mas, do dia a dia, o clamor dos posseiros, índios, dos lavradores sem terra".

A MISSA

A missa começou com uma explicação sobre a "Missa da Terra sem Males" dada por dom Pedro Casaldáglia, um dos autores do texto. Disse que aquela cerimônia "é para todos

os povos indígenas da América Latina e para o povo desta ameaçada terra que está à procura da terra sem males; de um mundo novo, diferente, que se parecesse ao mundo indígena, com a harmonia comum aos índios, compartilhando a vida, sem lucros, sem cobiça, sem pressa".

A missa propriamente dita começou com a entoação de cantos, acompanhados de todos os presentes e por um coro e conjunto tocando instrumentos típicos dos Andes — flauta e bumbo — além do violão. A catedral toda respondia a cantos que afirmavam, por exemplo, na "Memória Penitencial": "herdeiros de um império de extermínio, filhos de secular dominação, queremos reparar nosso pecado, viemos celebrar a nova opção: Ressurreição".

Em determinados momentos o solo fez o papel do índio e os presentes, do branco e escutou-se a diálogos, como este:

(o índio) "Eu era a liberdade — não uma estátua apenas — Moara em carne humana, a Liberdade viva. Eu era a dignidade, sem medo e sem orgulho, a dignidade humana" (os brancos) "e nós te escravizamos. E nós te sepultamos na escuridão das minas. Dobramos o teu corpo sob os canaviais. E te jogamos contra as árvores amadas, para cortar madeira, cortando o teu espírito, o cerne do teu povo".

O sermão foi feito por dom Tomás Balduino, que chamou um índio Kaxinawá, que pediu ao governo "condições da gente produzir e poder comer".

Todos os presentes receberam um exemplar da missa para acompanhar. Inclusive o ministro Andreazza e os quatro assessores que o acompanharam. Em determinado momento, o presidente da Funai apontou um trecho do texto à pessoa que estava ao seu lado. O trecho dizia: "Memória/Remorso/Compromisso, pelas cercas farpadas dos novos bandeirantes, pela cachaca integradora, na boca dos guerreiros, pelo açúcar servido com claret..."